

Caros leitores,

A *Revista Desassossego*, em sua sexta edição, abre suas cortinas aos leitores e traz um dossiê sobre o **teatro português**.

No artigo de abertura, após uma breve explanação histórica sobre o teatro português, Carlos Rosa se detém na análise de formas, características, personagens do gênero tragicômico na obra de Antônio José da Silva, o Judeu. A leitura se pauta mais especificamente nas peças *O Precipício de Faetonte*, *Os Encantos de Medeia* e *Anfitrião, ou Júpiter e Alcmena*, e identifica tanto uma emulação do autor ao teatro do Século de Ouro espanhol como também uma superação dele.

Manoel Candeias faz uma análise dos contextos políticos portugueses retratados nas peças *Sua Excelência* e *Comissário de Polícia*, ambas de Gervásio Lobato. Candeias explica, por exemplo, como os personagens da primeira peça, com sua mentalidade monárquica, associam “valores de nobreza e fidalguia às posições políticas”; já os da segunda, desejosos de se acobertarem na máquina burocrática, apontam “para um comportamento mais moderno, da falsa democracia, dos regimes compostos por câmaras, ministérios etc.”.

Mais focado no presente, o estudo de Flávio Botton delinea diacronicamente na produção teatral de Miguel Real e Filomena Oliveira, intitulada *1755 – O Grande Terremoto*, quais reminiscências históricas permanecem atuais. À luz de Oliveira Martins, conclui-se que o Estado é o motor da sociedade e a evolução da sociedade lusitana se dá através de revoluções. Além disso, as vicissitudes das classes poderosas marcaram qualquer regime no país, mesmo o pombalino, objeto da peça.

Menos histórico e mais subjetivo é *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa. A obra, na leitura de Glauco Cazé, surpreende-nos com seus elementos de uma poesia em prosa de matriz simbolista, cuja principal influência é Maurice Maeterlinck. Nesta trilha, o autor nos fornece as pegadas de um teatro do absurdo senão originário, ao menos influenciado pela estética simbolista.

Para além dos artigos constantes do dossiê, a primeira contribuição é a de Wiliam Pianco, que verifica a presença do sebastianismo em três filmes de Manoel de Oliveira: *Non ou a vã glória de mandar*, *Um filme falado* e *O quinto império – ontem como hoje*. Como o próprio autor indica, o mito é uma forma de “questionar o posicionamento de Portugal no âmbito sociopolítico contemporâneo, nas escalas nacional, europeia e mundial.” Partindo, portanto, das profecias sebastianistas de

Bandarra, Pianco nos indica como as películas funcionam enquanto discursos alegóricos, no quais o passado rememorado é uma forma de se questionar o presente, e o mito, já desacreditado, representa a espera por um salvador da pátria. Essa é a postura que os filmes tematizam e desconstroem.

José Saramago traz inovações narrativas para parodiar o texto bíblico em *Caim*. O texto de Saramago está entre o discurso histórico do Velho Testamento e o discurso fabular do Novo Testamento. Dessa maneira, segundo Nivaldo Medeiros, Deus está sob suspeita enquanto ser onisciente, deixando o homem à deriva na criação. A ironia do discurso mostra o personagem que luta contra a passada experiência do fratricídio e vê seu futuro com incerteza, mas a animalesca experiência da paternidade o modifica. É aí que *Caim* se torna uma criação histórico-humanizadora.

Luciano Dias analisa a *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima e sua relação com as musas. Se a obra aparentemente não se relaciona com a literatura portuguesa, as impressões se dissipam quando o autor começa a caracterizar as “infantas defuntas” – entre elas Inês de Castro, musa inserida na memória portuguesa. Sua figura contribui para a formação de um novo mundo, onde ela, representação do passado, deixa suas marcas no presente da musa principal de toda a obra limiana, sua Mira-Celi.

A poeta Sophia de Mello Breyner Andresen é objeto de dois ensaios. O de Bruno Matangrano procura, a partir do crítico Charles Dantzig, particularizar as noções de Poesia, poesia e poema na obra de Sophia. A análise de dois poemas permite a Matangrano perceber como, para a poeta, o ato de escrever é tanto “uma espécie de liberdade absoluta” quanto “a verdade”, isto é, “o meio pelo qual o homem se relaciona com a Realidade”.

Já Nathália Nahas compara o conceito de “vazio” em Baudelaire e em Sophia. Para Nahas, no primeiro, o vazio é um sentimento em si, intransitivo, e não a ausência de algum objeto. Assim, o sujeito moderno resigna-se ao ímpeto de “ser arrastado por isso, quer estar no vazio, pois ele já desfruta do gosto do nada”. Na contemporânea Sophia, o vazio perde essa carga negativa e passa a significar a possibilidade de inteireza. Em outras palavras, torna-se “o Vazio, uma alegoria da presença e da totalidade”.

Para as seções *Poesias* e *Ficção*, contamos com a contribuição de cinco autores nesta edição. A série de poemas de Phabulo Mendes, *Itinerário de flor*, destaca-se pela concisão e pelo caráter metapoético em composições que lembram o tom enigmático, condensado e, por que não, sentencioso dos aforismos. Coincidentemente, Thaíse Dias

traz-nos também uma série de poemas metapoéticos. Para narrar de diversos modos o ofício poético, a autora faz uso de imagens dotadas de uma “melancolia afetiva” – um sentimento de falta acompanhado de um resolutivo amor pela palavra poética -, o que contribui para a formação do tom sublime de seus textos. Por sua vez, Waleska Martins escreve *Attraversiamo il fiume*, texto narrativo e permeado por imagens poéticas obscuras que tornam fluida a fronteira entre prosa e poesia.

O *Conto dois* do autor Del Candeias detém linguagem ferina e fluente para abordar a relação ambígua entre um sobrinho e sua tia, ambígua, pois a admiração financeira do sobrinho pela tia recalca, na realidade, também um sentimento subversivo por ela e que ecoa reflexões de Nietzsche. O interessante conto *Alfinete* de Edmar Monteiro Filho apresenta-nos uma linguagem ricamente lapidada e que incessantemente dribla e questiona o limite estabelecido entre o real e a imaginação, fornecendo-nos, enfim, uma visão pouco habitual e atormentada da realidade.

Em nossa seção *Variedades*, estão duas resenhas: a de Luis Estrela Matos e a de Juarez Ambires. Matos, com sua escrita envolvente, convida-nos a ler o recente livro publicado: *Fernando Pessoa - uma quase autobiografia*, de José Paulo Cavalcanti Filho. Mais do que propriamente uma resenha do livro de Cavalcanti, o texto confere-nos suas reflexões enquanto um leitor especializado e que tem se empenhado em estudar Fernando Pessoa. A segunda recensão crítica é a de *As pequenas memórias* de José Saramago em sua edição brasileira lançada em 2006. O livro traz relatos dos primeiros quinze anos de vida do escritor, os quais, segundo Ambires, “o contam e o justificam”.

Também em *Variedades*, trouxemos duas entrevistas com dramaturgos portugueses contemporâneos: a primeira realizada por Rosana Rabello com Armando Nascimento Rosa; e a segunda feita por Maura Böttcher Curvello com Fernando Gomes. Em ambas, as vivências e as necessidades do teatro português contemporâneo são colocadas em xeque.

Rogério Almeida [rogerioalmeida01@hotmail.com](mailto:rogerioalmeida01@hotmail.com)

Leonardo de Barros Sasaki [leoarrudab@gmail.com](mailto:leoarrudab@gmail.com)